

Empresas MAIS 2024

O ESTADO DE S. PAULO

DOMINGO,
20 DE ABRIL
DE 2025



DI



D2 Novo momento.
Práticas ESG
são difíceis, mas
possíveis, diz
Sonia Consiglio

WERTHON SANTANA/ESTADÃO



Troféus entregues aos ganhadores do Empresas Mais, em evento na sede do 'Estadão', em São Paulo: reconhecimento pelo bom desempenho das empresas brasileiras

D4 a D14 Panorama

Obstáculos e oportunidades no horizonte empresarial

— Estadão Empresas Mais divulga ganhadores e aponta os desafios que as empresas brasileiras terão neste ano

Realização:

ESTADÃO 150

Parceria:

AUSTIN
RATING

Apóio:

ELDORADOFM
107.3

netshow.me

Patrocínio:

bradesco
capitalização

Claro

PEPSICO

UNINTER

Sonia Consiglio

‘Posso dizer que ESG nunca foi fácil, mas sempre foi possível’

— Especialista em sustentabilidade diz que desafio da COP-30 no Brasil será trazer ‘resultados práticos’



ARQUIVO PESSOAL

ENTREVISTA

Vice-presidente do Conselho Consultivo do CDP LA, membro do Conselho Técnico do Instituto Ekos Brasil e conselheira de empresas

MARLEINE COHEN
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Uma década depois da criação da Agenda 2030 pela ONU, visando definir um plano de ação global para o desenvolvimento sustentável, já é possível fazer um balanço da iniciativa.

Especialista em sustentabilidade, comunicação e investimento social privado e primeira mulher brasileira reconhecida como SDG Pioneer – Pioneira para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – pelo Pacto Global da ONU em 2016, a conselheira de administração, palestrante e escritora Sonia Consiglio disse que é preciso “acelerar o ritmo” da agenda ambiental.

Líder da Rede Anbima de Sustentabilidade e membro do Comitê Consultivo do Movimento Elas Lideram 2030 do Pacto Global da ONU no Brasil, do Conselho Consultivo da BrazilFoundation, Sonia também afirmou que o discurso anti-ESG do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, traz impactos, mas lembrou: “Todo lugar vazio acaba sendo ocupado.”

Dez anos depois do estabelecimento da Agenda 2030, em que ritmo está a adesão às práticas ESG no Brasil e que avaliação faz dos resultados

obtidos até o momento?

Costumo dizer que tudo o que fizermos em matéria de sustentabilidade será em menor velocidade e menos intensidade do que o necessário, porque os desafios são enormes. Feita essa consideração, a avaliação é, sem dúvida, positiva. E nós não começamos agora. Dois exemplos: a nossa Bolsa foi a primeira do mundo a aderir ao Pacto Global da ONU, em 2004; fomos o quarto país a lançar um índice de sustentabilidade, o ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial), em 2005. Esta ferramenta permite acompanhar e incentivar condutas sustentáveis por parte das empresas, bem como destacar aquelas que buscam se alinhar e tornar os investimentos em ESG mais atrativos.

Vindo para o presente, o Brasil foi o primeiro país do mundo a anunciar a adesão ao ISSB (International Sustainability Standards Board), que propõe um padrão global de transparência de informações ESG em balanços financeiros. Isso foi em 2023, por meio da CVM (Comissão de Valores Mobiliários), e será regra a partir de 2027. Não existe hoje uma iniciativa internacional nessa agenda em que não haja brasileiros participando ou liderando.

Mas vale frisar: precisamos acelerar o ritmo. E não só aqui, é globalmente.

Quais os setores da economia nacional mais aderentes a essas práticas e quais as mais resistentes a elas?

Alcançamos um nível de compreensão e maturidade em relação às questões ambientais e sociais tal que me arrisco a dizer que não há setores à margem dessa discussão. Entretanto, aqueles cujas atividades têm impactos ambientais diretos, como as mineradoras e as side-

rúrgicas, ou os mais regulados, como o de energia, são atuantes há muito tempo pela própria conexão com o negócio. O setor financeiro também desempenha um papel crucial, por ser intermediador e viabilizador do mercado. Quando concedem um empréstimo, por exemplo, as instituições financeiras são corresponsáveis nas consequências da aplicação desse recurso. Todos os elos estão conectados e hoje temos essa noção, o que não era comum há 10, 20 anos.

Internamente, investidores e consumidores fazem as mesmas demandas às empresas em termos de ESG?

Esses públicos miram o mesmo horizonte, mas com realidades diferentes. O investidor tem um olhar sobre o retorno, o risco; ele quer que seu recurso seja aplicado da melhor forma possível. E é importante que se diga: essa “melhor forma” inclui os aspectos ESG, mas não apenas os econômicos. Então, os investidores mais conscientes cobram das empresas e con-

“Alcançamos um nível de compreensão e maturidade em relação às questões ambientais e sociais tal que me arrisco a dizer que não há setores à margem dessa discussão”

“Os investidores mais conscientes cobram das empresas e consideram na sua tomada de decisão as estratégias em descarbonização, direitos humanos, atração e retenção de talentos”

sideram na sua tomada de decisão as estratégias em descarbonização, direitos humanos, atração e retenção de talentos, etc.

No mundo quais os temas ESG mais urgentes no presente momento e como eles reverberam no Brasil?

Levando em conta o último Relatório de Riscos Globais do Fórum Econômico Mundial, os cinco temas mais urgentes no curto prazo, isto é, nos próximos dois anos são: desinformação (*fake news*), eventos climáticos extremos, conflitos armados, polarização e cibersegurança. Eu acrescento direitos humanos, inteligência artificial e biodiversidade como tópicos aos quais devemos ficar atentos. Todos esses assuntos, no fim, estão interligados e têm efeitos mundiais. E o Brasil é impactado em maior ou menor grau por todos eles.

Que futuro enxerga para a COP-30 e o protagonismo brasileiro em relação à governança climática global?

O Brasil tem historicamente um papel de destaque nas negociações mundiais de clima. Se diamos em 1992 a Rio 92, onde foi estabelecido um pacto para o meio ambiente equivalente à Declaração dos Direitos Humanos. Em 2012, foi a vez da Rio+20, onde nasceram os ODS, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. A COP-30 é uma nova oportunidade de demonstrarmos nosso comprometimento e capacidade de articulação e influência. Mas a tarefa, que já era hercúlea, se tornou ainda mais desafiadora pelo cenário desenhado após a eleição do presidente americano Donald Trump. Digo que a tarefa é hercúlea porque há muitos assuntos na mesa que requeiram resultados mais arrojados do

que os que foram alcançados até aqui, como, por exemplo, o financiamento climático a países vulneráveis. Um dos apelidos dessa conferência (*no Brasil*) é “COP da Implementação”. Espero que ela faça jus a ele e que de fato tenhamos resultados práticos. Torço também para que os problemas de infraestrutura, como o valor irreal das hospedagens em Belém, sejam equalizados para que possamos receber nossos visitantes da forma mais respeitosa possível.

Na sua opinião, o discurso anti-ESG de Donald Trump pode representar um obstáculo para a agenda de desenvolvimento sustentável?

Não há como negar que essa narrativa trará impactos, justamente quando precisamos avançar tanto. Digo que o momento é de observar e absorver tudo o que está sendo anunciado. Mas não será o fim do mundo. Acredito que haverá um rearranjo no xadrez mundial, pois todo lugar vazio acaba sendo ocupado. Protagonistas atuais tendem a ganhar mais espaço e novos atores podem surgir. O importante é termos em mente que o que for relevante para os negócios, para os governos e para as pessoas, seguirá. Investir numa economia de baixo carbono, que promova igualdade de oportunidades e estimule sociedades justas e éticas não é um discurso poético. Essas agendas representam riscos, mas são também ótimas oportunidades de abertura de mercados e diferenciação. A sustentabilidade é uma pauta estratégica, de valor agregado e competitividade, por isso independe de momentos. Como quem trabalha há mais de duas décadas nessa área, minha frase atualmente é: Nunca foi fácil. Mas sempre foi possível. ●

Siga a Gerdau nas redes sociais: 

Somos a maior recicladora de sucata ferrosa da América Latina.



Todos os anos, transformamos 11 milhões de toneladas de sucata em aço, o que representa 71% de todo aço produzido pela Gerdau. Para cada tonelada de sucata reciclada em nossa operação, evitamos a emissão de 1,5 toneladas de CO₂ no meio ambiente*.

A Gerdau recicla sem fim e devolve para a sociedade um futuro mais sustentável.



Perspectivas

Crédito e incertezas no exterior são desafios para empresas neste ano, dizem especialistas

Juros altos devem travar planos de expansão ao mesmo tempo que comércio com os EUA passa por instabilidade

.....
ÉLIDA OLIVEIRA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

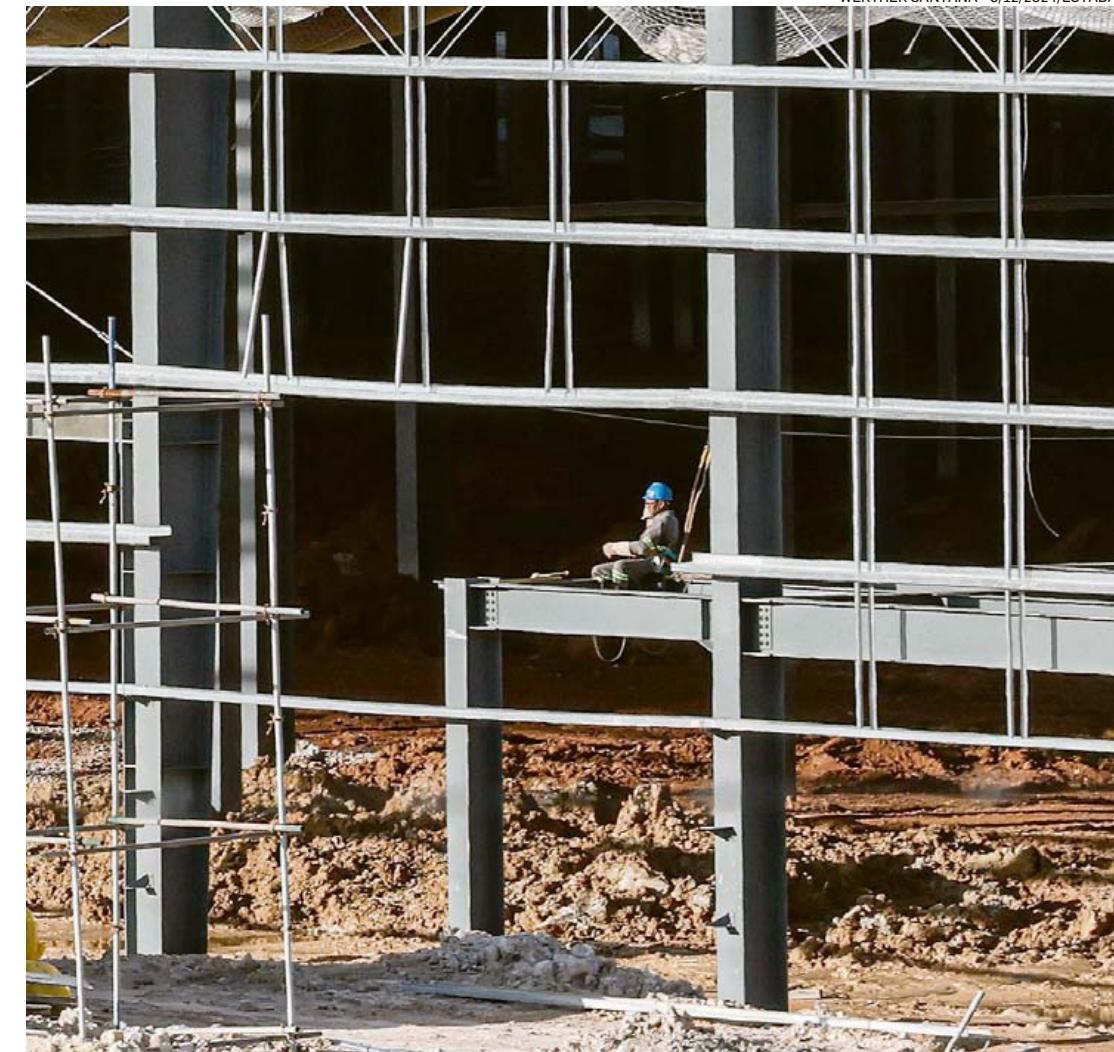
As empresas entraram em 2025 com a expectativa de que o vento mudasse ao longo do ano. O respiro vinha da possibilidade de fim da alta de juros, o que traria uma maior estabilidade para os planos de expansão e investimentos a longo prazo. Isso porque o Brasil havia encerrado 2024 com crescimento de 3,4% do Produto Interno Bruto (PIB) e das atividades nos setores de comércio, indústria e serviços. Faltava diminuir o custo do crédito.

Mas, no início de abril, o governo dos Estados Unidos adicionou uma peça a mais na complexa engrenagem econômica mundial, com reflexos no desenvolvimento empresarial brasileiro. Donald Trump, presidente dos EUA, anunciou uma nova política de juros sobre produtos importados, atingindo diversos parceiros comerciais. O Brasil foi taxado com a menor alíquota (10%). Mas a repercussão da decisão traz ainda mais incerteza e se soma a outros desafios.

GARGALOS. O tarifaço de Trump se une a outros problemas que, historicamente, travam o desenvolvimento empresarial no Brasil. Segundo especialistas, as empresas enfrentam gargalos como o custo do financiamento, a falta de mão de obra qualificada, a baixa produtividade, o acesso à tecnologia e inovação, e a complexa carga tributária do país.

“O juro alto tem um efeito complicado para uma série de setores, em especial para o consumo, o varejo, e as construtoras, porque encarece muito o crédito. Com isso, as pessoas ficam endividadas e não conseguem manter o padrão de consumo. Além do que, a inflação continua fora da meta e desançorada”, diz Rodolfo Olivo, professor da FIA Business School.

Claudia Yoshihaga, professora da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EAESP), afirma que o juro alto torna os planos de expansão das empresas mais caros, porque elas vão pagar mais para ter crédito para investimento. “Estamos em fase de Selic alta, o que não impede a expansão das empresas, mas torna os planos mais caros”.



Trabalhador em obra de unidade de montadora, na Bahia: empresários em compasso de espera

a expansão das empresas, mas torna os planos mais caros. As empresas vão ter que analisar se os projetos vão render para compensar o custo do dinheiro”, afirma.

REFORMA TRIBUTÁRIA. Em meio a juros altos e tarifaço, há ainda os impactos da reforma tributária, que vem para desburocratizar o pagamento de impostos pelas empresas. Em janeiro deste ano, foi sancionado o primeiro projeto de regulamentação, que criou dois novos tributos para substituir cinco outros existentes. Entram em cena a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), em nível federal, e o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), nos Estados e municípios, que serão implementados gradualmente até 2023. Saem de cena o IPI, PIS, Cofins, ICMS e ISS. Ainda está em discussão a alíquota do Imposto sobre Valor Adicionado (IVA). Embora a reforma busque simplificar os tributos, ela também deverá aumentar a arrecadação de impostos – e a conta chega nas empresas.

Para Mozart Wierzchowski, mestre em Direito Tributário e sócio-fundador da MBW Advocacia, o principal desafio será precisar os produtos e serviços para refletir a nova carga tributária. Isso porque os tributos vão encarecer a produção nacional, mas nem sempre vai dar para repassar tudo ao consumidor. “Será preciso diminuir o lucro”, afirma.

Neste cenário, o caixa da empresa será impactado por maior recolhimento de tributos e menor lucro, o que pode levar ao esvaziamento dos investimentos.

Para as empresas, o ideal é observar o planejamento tributário para buscar formas legais de pagar menos imposto. Entre essas alternativas, está rever a forma de tributação. Em geral, a opção mais prática para os contadores pode não ser a mais vantajosa para as empresas, explica Wierzchowski.

INCERTEZAS. Em meio ao cenário de juros altos, elevada car-

ga tributária e possíveis impactos do tarifaço, as empresas brasileiras enfrentam o desafio de implementar novas tecnologias e desenvolver inovações.

O acesso à tecnologia já não é mais problema, diz Claudia, porque ele está mais democratizado, e os avanços dos países desenvolvidos não demoram muito para chegar ao Brasil. O entrave é colocar isso em prática. “Em termos de ter acesso e conhecimento das novas tecnologias, isso está cada vez mais rápido. Mas implementar esses avanços nas indústrias existe um custo que vai estar dolarizado, e para quem opera em reais, isso não está exatamente acessível”, pondera.

“As empresas devem desacelerar em 2025. Há expectativa de crescimento mais moderado do PIB e é possível que elas reduzam o investimento”

“Temos muitos problemas, mas isso também nos dá oportunidade de negócios”

Rodolfo Olivo
FIA Business School

“O juro alto tem um efeito complicado para uma série de setores porque encarece muito o crédito”

Rodolfo Olivo
FIA Business School

“Estamos em fase de Selic alta, o que não impede a expansão das empresas, mas torna os planos mais caros”

Claudia Yoshihaga
FGV-EAESP

Olivo também cita os custos de implementação como barreira para a inovação e tecnologia nas empresas. “Para inovar, as empresas têm que investir. E, neste momento, elas estão receosas”, afirma Olivo.

Além disso, ele destaca que a inovação está atrelada à mão de obra qualificada, um desafio que vai além das empresas. Em 2024, só 54,5% da população com 25 anos ou mais havia concluído o ensino médio, segundo o IBGE. Embora o percentual indique crescimento frente ao ano anterior, ele ainda é muito baixo para um país que quer se tornar competitivo. “Não conseguimos formar a mão de obra que a gente precisa, e os avanços são lentos”, afirma Olivo.

Por outro lado, existe a possibilidade de uma maior nacionalização das tecnologias, pondera Claudia. Em alguns nichos, as indústrias poderão desenvolver tecnologias próprias e se apoderar desse desenvolvimento. “Pode haver uma tendência para esse desenvolvimento, para reduzir o comércio exterior e diminuir custos”, afirma.

Tributos

Reforma tributária impõe mais uma dificuldade para as empresas, que terão de se adaptar

O QUE FAZER. Para Olivo, a previsão é de que as empresas fiquem em compasso de espera. Ele cita os juros altos, o perfil da gestão atual do governo que tem anunciado mais gastos – o que aumenta a inflação – e a perspectiva de novas eleições em 2026, que pode mudar os planos empresariais a longo prazo.

“As empresas devem desacelerar em 2025. Há expectativa de crescimento mais moderado do PIB e é possível que elas reduzam o investimento”, afirma Olivo.

Apesar das dificuldades, é possível que as empresas observem seus gargalos e busquem superar os desafios. Isso passa pelo trabalho do gestor de capacitar a equipe, desenvolver pessoas, perseguir a inovação e a criatividade para solução de problemas.

“O Brasil é um país muito complexo. Temos muitos problemas, mas isso também nos dá oportunidade de negócios ao buscarmos soluções para esses desafios”, afirma Olivo. ●



TRANSFORMANDO DESAFIOS COMPLEXOS EM SOLUÇÕES DE VALOR

CONSULTORIA

Consultoria personalizada para empresas e governos, com equipes multidisciplinares focadas em eficiência, inovação e geração de valor.



TREINAMENTOS *IN COMPANY*

Programas educacionais sob medida, com conteúdo prático e alinhado aos objetivos da organização, fortalecendo equipes e acelerando resultados.





Presidente dos EUA, Donald Trump, assina decreto com novas tarifas para parceiros comerciais, na Casa Branca: incerteza global

Comércio exterior

Drible em tarifaço de Trump passa por custo menor e novos contratos

Estudo do Iedi aponta nove setores da economia brasileira com potencial de ocupar 'espaço chinês' nos EUA

WELLINGTON RAMALHOSO

A guerra comercial iniciada pelo governo de Donald Trump traz incerteza para as empresas e gera apreensão. Setores produtivos brasileiros podem perder mercados, mas oportunidades também devem surgir. As empresas do País, segundo especialistas ouvidos pelo **Estadão**, têm algumas frentes de atuação diante desse cenário, como pleitear a redução de custos e a melhora do ambiente de negócios e defender o avanço de acordos comerciais com outras nações e blocos.

“Como em todo processo de mudança – é clichê, mas é um fato –, há riscos e oportunidades”, diz o economista Rafael Cagnin, diretor executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). “A identificação de oportunidades é um trabalho que está primeiro na esfera das empresas. Elas vão saber identificar exatamente a janela aberta dentro desse contexto. Elas conhecem seus mercados, os correntes e o diferencial competitivo deles.”

Um estudo publicado em março pelo Iedi já investigava possibilidades do Brasil diante

da guerra tarifária entre EUA e China e identificava nove setores com potencial de expansão dentro do mercado americano: aeronaves e espaçonaves; instrumentos óticos, fotográficos, cinematográficos e de medição; reatores nucleares, caldeiras, máquinas e aparelhos mecânicos; produtos químicos inorgânicos; produtos químicos orgânicos; máquinas e equipamentos elétricos; veículos exceto ferroviários; madeira e artigos de madeira; e artigos de ferro ou aço.

São setores que já exportam para os EUA, com vendas que representam valores importantes e produtos coincidentes com as exportações chinesas. Se importar da China passa a ser mais difícil devido às tarifas impostas por Trump, compra-

Oportunidade
Segmentos que já vendem para o mercado americano podem ter vantagem diante de itens chineses

dores americanos podem buscar produtos de outros países fornecedores e colocar fatias de mercado em disputa.

“Se você já vende para os Estados Unidos é porque tem condição, a despeito de todos os nossos problemas, de competir no mercado americano. São atividades capazes de mais rapidamente ocuparem o espaço com essa mudança da competitividade relativa que as tarifas vão introduzir

Saiba mais
Americano chama ação de 'Dia da Libertaçāo'

● Anúncio

Após semanas de ameaças sobre o que chamou de o ‘Dia da Libertaçāo’, o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou no dia 2 deste mês as chamadas tarifas recíprocas

● Canetada

Na ocasião, os EUA impuseram uma tarifa geral mínima de 10%, que passou a valer no dia 5 deste mês. Outras taxas adicionais vigoram desde o dia 9

● Sem saída

Mesmo aliados comerciais his-

tóricos não escaparam do tarifaço. As importações da União Europeia sofreram uma taxa de 20%, enquanto os japoneses, 24%. O Brasil ficou com a “taxa de entrada”, de 10%

● Lista

A lista de outros países que serão taxados em 10% incluem Reino Unido, Cingapura, Austrália, Nova Zelândia, Turquia, Colômbia, Argentina, El Salvador, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita

● Nas alturas

A taxação mais forte atingiu a China. Na quarta-feira passada, Trump anunciou uma taxa de 245% para importações do país asiático

do. Vai depender mais do produto do que do setor”, explica Cagnin.

No entanto, a conquista de mercado, alerta o diretor executivo do Iedi, está longe de ser garantida. “Tem várias ponderações. Esses mercados podem não crescer ou podem encolher. Tudo vai depender de como a economia americana vai reagir. Não é automático e também depende da resposta da China.”

Questões que também permanecem na disputa de mercado são as regras de contratos de fornecimento já firmados entre chineses e americanos e a própria capacidade brasileira de produção e entrega.

Outra oportunidade para o Brasil é a ampliação de exporta-

ções do agronegócio para a China, aponta Lucas Ferraz, coordenador do Centro de Estudos de Negócios Globais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com as retaliações impostas pelo governo chinês aos produtos dos Estados Unidos, o Brasil é um forte candidato a conquistar espaços que o agro americano tende a perder naquele mercado.

CUSTOS. Para o País ser mais competitivo e conquistar mercados ao longo do tempo, a receita não é nova, lembra Rafael Cagnin. Ela passa pela redução de custos internos como o dos impostos – a implementação da reforma tributária pode ser um avanço nesse sentido –,

dos financiamentos e da energia, além do investimento na resolução de gargalos de infraestrutura para o escoamento de mercadorias.

“Para estabelecer uma relação comercial, entrar em cadeias produtivas, deslocando concorrentes que estavam lá há mais tempo, tem que estar ancorado em condições firmes de competitividade. A origem dessa condição de competitividade é essa lição de casa. É um contexto que coloca sobre a mesa de novo a importância de melhorarmos o nosso ambiente de negócios e reduzir os custos sistêmicos.”

MAIS ACORDOS. Outra frente citada pelo diretor do Iedi no atual contexto é estabelecer relações comerciais com o maior número possível de países, fator também apontado por Lucas Ferraz, da FGV.

Com a experiência de quem foi secretário de Comércio Exterior do Ministério da Economia entre 2019 e 2022 e participou de negociações internacionais, Ferraz avalia que as empresas brasileiras devem se articular com o governo brasileiro para acelerar e diversificar acordos comerciais. “O governo ouve muito o setor privado para essas negociações.”

No atual governo Lula, o Brasil, lembra Ferraz, decidiu impor regras mais protecionistas no acordo entre Mercosul e União Europeia. Apesar disso, as resistências europeias ao acordo diminuem.

“Nesse cenário caótico, o apetite por novos acordos comerciais aumenta. A União Europeia aceitou o pacote em função do cenário geopolítico de maior incerteza e da percepção de que o bloco tem que diversificar seu comércio e depender menos da economia americana. A resistência da França e de países aliados a ela, com esse novo cenário global, tende a ser muito enfraquecida. E as chances do acordo ser aprovado são maiores.”

O Brasil, diz o ex-secretário de Comércio Exterior, tem poucos acordos comerciais, o que, por outro lado, representa um potencial de crescimento.

“O Brasil e o Mercosul têm negociações em andamento com o Canadá. O Brasil tem um acordo em negociação diretamente com o México, que está parado. São dois países que estão sofrendo pressões dos Estados Unidos. Sob o ponto de vista estratégico, é mais do que nunca o momento de o Brasil avançar nessas negociações.”

A Ásia é outra frente de potencial avanço citada por Ferraz, que enumera o acordo parado entre o Mercosul e a Coreia do Sul, a possibilidade de ampliação do acordo entre Mercosul e Índia, além de negociações com países que possuem mercados importantes como Japão e Vietnã. ●

Comércio exterior

Destino de itens chineses deve ser ponto de atenção

Especialistas alertam que Pequim tentará compensar perdas de operações feitas com os EUA em outros mercados

WELLINGTON RAMALHOSO

A guerra comercial entre EUA e China impõe ao Brasil riscos decorrentes do desvio de comércio, ou seja, dos novos destinos que a grande produção chinesa tomará em consequência das barreiras tarifárias americanas.

"Isso vai gerar um excesso de oferta no mercado mundial. E vai ser direcionado, não só para o Brasil, mas para outros países também", diz Lucas Ferraz, coordenador do Centro de Estudos de Negócios Globais da Fundação Ge-

tulio Vargas (FGV).

Os riscos têm duas pontas: o aumento da concorrência de produtos chineses no Brasil pode enfraquecer setores produtivos nacionais e a maior presença de mercadorias chinesas em outros países, como os da América Latina, pode se tornar um obstáculo às exportações brasileiras para esses parceiros.

Rafael Cagnin, diretor executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), vê riscos para todos os setores industriais brasileiros. "É uma mudança profunda do comércio, com possibilidades de todos os lados e com desafio de todos os lados." Ele cita como exemplo os "ramos de maior intensidade tecnológica, onde a China está cada vez mais forte".

Isso exigirá, segundo o diretor do Iedi, um "monitora-



Carros prontos para exportação em porto de Nanjing, na China

mento com lupa" por parte do Brasil. "É fundamental ter uma política e uma estratégia de comércio exterior extremamente atentas a possíveis concorrências desleais e uma reação célere para aplicar medidas antidumping e salvaguardas. Ou seja, uma política de comércio que seja ativa, que monitore esses desvios de comércio internacional para evitar uma concorrência desleal

dentro do País".

Ferraz tem uma visão mais cautelosa em relação à defesa comercial brasileira. "O Brasil já tem tarifas de importação muito altas para a média internacional e é um grande usuário de medidas antidumping. Então é preciso ter cautela e parcimônia na aplicação desses mecanismos de defesa comercial, ter muito critério porque isso em última instância

compromete a produtividade e a competitividade da nossa indústria."

Ferraz e Cagnin concordam, porém, que o Brasil deve se coordenar com outros países e defender a atuação da Organização Mundial do Comércio (OMC), ainda que ela precise de reformas e esteja enfraquecida pelos EUA.

Coordenação

Analistas dizem que Brasil deve se aliar a outros países na OMC para pressionar os EUA

"Quem está rompendo com o sistema multilateral de comércio são os Estados Unidos, mas tem muita gente também interessada nele. A manutenção do sistema vivo é de interesse estratégico do Brasil e dos países em desenvolvimento em geral. Num comércio sem regras, vale a lei do mais forte, vale a lei da selva", afirma Ferraz.

"É importante resguardar algum tipo de regramento internacional e fazer recurso a uma instância de governança que seja legitimamente reconhecida pelas partes, mesmo que ela possa ser mais elástica e um pouco mais difusa", comenta Cagnin. ● W.R.

Mais uma vez, obrigado.

Bradesco Capitalização, vencedora do prêmio **Estadão Empresas Mais**.

Bradesco Vida e Previdência e **Bradesco Saúde**, destaques na categoria Seguros Financeiros – Seguradoras.


bradesco
seguros

Com Você. Sempre.





RICARDO STUCKERT - 14/2/2025/PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Obras do Parque da Cidade, espaço que vai ser a sede da COP-30, em novembro, em Belém, no Pará: oportunidade para empresas de todos os tamanhos fecharem negócios

Emergência climática

COP-30 será vitrine para empresas mostrarem inovações sustentáveis

Conferência ambiental da ONU em Belém vai ter eventos paralelos para empresas brasileiras exporem seus projetos

WELLINGTON RAMALHOSO

A realização da COP-30, a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, em Belém neste ano será uma oportunidade especial para que empresas brasileiras se aproximem dos debates sobre os rumos ambientais e econômicos do planeta, mostrem soluções desenvolvidas no País e também para

que firmem parcerias.

Empresas, governo e outros representantes têm, na avaliação de Davi Bomtempo, superintendente de Meio Ambiente e Sustentabilidade da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a chance de apresentar na COP riquezas naturais como a biodiversidade brasileira, mas também os avanços do País na produção de energia não poluente, de biocombustíveis e na redução das emissões de gás carbônico por parte da indústria.

“É uma grande oportunidade de mostrar essas vantagens comparativas para o mundo e, mais do que isso, de mostrar que elas podem ser transformadas em competitividade”, afirma Bomtempo.

Quem fez a lição de casa da agenda climática para analisar e reduzir a emissão de carbono na cadeia de produção sai na frente e vai enxergar oportunidades para obter ganhos com a nova realidade dos negócios, diz Guarany Osório, professor e pesquisador do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

“Não é uma questão só ambiental, é uma questão econômica e financeira. Se uma empresa fez toda a lição de casa, ela tem o diagnóstico, um plano e uma estratégia, faz a gestão de risco, tem metas e sabe para onde está indo nessa agenda. Quem não está preparado é menos competitivo.”

Para as empresas, a COP re-

presenta uma vitrine que pode atrair investimentos e abrir mercados no exterior, além de um momento para trabalhar a imagem e a reputação. “É uma oportunidade de mostrar sua agenda e seu negócio. Tem bastante networking, e você pode fazer negócios a partir das interações na COP”, ressalta Bomtempo.

Instituições como a CNI acolhem empresas interessadas em participar e irão coordenar, durante a COP, espa-

conservação florestal. “Também organizaremos debates sobre questões regulatórias, inclusive regulações internacionais, principalmente as que têm impacto no setor produtivo”, conta Bomtempo.

“A COP é feita para todo tipo de empresa, para todo tipo de setor que esteja trabalhando na busca de uma economia mais verde e de uma transição de baixo carbono. A COP-30 no Brasil é uma oportunidade única de as empresas apresentarem os resultados de suas iniciativas”, diz Rubens Filho, gerente executivo de Meio Ambiente do Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU), iniciativa que reúne mais de 1,9 mil empresas no Brasil.

O Pacto realizará eventos paralelos à COP, também para articular experiências, debates, painéis e oportunidades de networking relacionados à agenda climática.

“As empresas de energia que estão buscando novas tecnologias e novas oportunidades para uma transição justa saem na frente, têm uma oportunidade maior de expor resultados e criar conexões durante a conferência com outras empresas, ☺”

Conveniência Professor da FGV diz que quem fez a 'lição de casa' na agenda climática vai gerar novos negócios

ços com debates e apresentações de cases. A lista de participantes e a programação completa só devem ficar prontas no segundo semestre. Entre as grandes empresas, há participantes confirmados como Natura, Petrobras, Vale, Suzano, Ambev e Latam.

A programação montada pela CNI terá quatro pilares: transição energética, mercado de carbono, economia circular e

tentável em Benevides (PA), o Ecoparque, que faz parte desse ciclo virtuoso da bioeconomia. Nossos produtos são a materialização da nossa atuação e carregam as histórias e os saberes das comunidades agroextrativistas tradicionais de quem somos parceiros.

Que oportunidades a participação na COP-30 pode proporcionar à empresa?

A COP-30 tem o potencial de atrair diferentes setores produtivos e será uma oportunidade poderosa para convocar mais atores a se engajar em iniciativas como as que desenvolvemos. O setor privado pode e deve reforçar a necessidade de investimentos em

3 perguntas para...



Angela Pinhati

Diretora de Sustentabilidade da Natura

Por que a Natura decidiu participar da COP-30?

A COP-30 é um momento histórico para o Brasil ao dar visibilidade global à agenda climática e uma oportunidade única para avançarmos na busca por soluções e políticas que promovam ações regenerativas, como a economia circular, a descarbonização dos negócios, a rastreabilidade de matérias-primas, justiça climática e a participa-

ção ativa das comunidades, especialmente aquelas mais impactadas pelas mudanças do clima. Nossa objetivo na COP-30 é contribuir com a amplificação dessa pauta como meio de fortalecer a agenda socioambiental brasileira e destacar a Amazônia como polo gerador de prosperidade para o Brasil e para o mundo.

O que a empresa pretende apresentar na cúpula?

Queremos mostrar ao mundo, por meio de histórias de sucesso de nossas comunidades e parceiros na região, que é possível aliar conservação ambiental, lucratividade, valorização do conhecimento tradicional e muita inovação em

conjunto com as famílias. É possível fazer negócios que façam bem para as pessoas e o planeta. Temos raízes profundas na região amazônica e uma trajetória pautada pela valorização das comunidades locais e da floresta em pé. Vamos reforçar que a bioeconomia é um caminho viável, necessário e urgente para a regeneração do planeta. Nossa plano de industrialização é um exemplo prático. Temos 19 agroindústrias na Amazônia, que aumentam o valor agregado dos produtos da floresta e geram competitividade, lucratividade e bem-estar social para as cooperativas parceiras, além de inovações e parcerias em nosso complexo sus-

tecnologias verdes e práticas sustentáveis, o que pode abrir novos mercados e incentivar a inovação, à medida que as empresas buscam soluções para reduzir suas emissões e minimizar seu impacto ambiental ao mesmo tempo em que prosperam economicamente.

Nossa intenção é promover diálogo e estabelecer parcerias com empresas, o terceiro setor e o poder público para deixar um legado pós-COP-30, especialmente para o território, além de garantir o envolvimento das comunidades, dos jovens que estão na linha de frente na busca por soluções para a crise climática. ● W.R.

⊕ governos e fundos de investimentos", frisa Rubens Filho.

Ele também destaca as empresas que apostam em "soluções baseadas na natureza, sobretudo na conservação hídrica", as que investem em reflorestamento e as do setor de transportes que se preocupam com a transição energética.

VITRINE. Um velho conhecido estará entre as soluções apresentadas pelo Brasil na COP-30: o etanol, desenvolvido no País na década de 1970. Ele será a grande bandeira da União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (Unica) na Cúpula de Belém.

"O etanol é uma tecnologia consagrada. O grande objetivo da COP é encontrar caminhos para a descarbonização. O etanol já oferece, a um custo baixo e de maneira rápida e simples, essa descarbonização, com alto nível de sustentabilidade", afirma o presidente da Unica, Evandro Gussi.

A pesquisa e o desenvolvimento nos últimos anos permitiram, conta Gussi, obter ganhos de eficiência, além da medição adequada e da redução dos níveis de emissão de carbono na produção de etanol.

"Temos, por exemplo, novas variedades de cana-de-açúcar que entregam muito mais

produtividade na mesma área. Ao lado disso, está acontecendo a substituição de óleo diesel por biometano nos tratores e caminhões usados no processo produtivo. O setor tem trabalhado fortemente para ter um etanol com neutralidade de carbono. E de médio para longo prazo, vemos o etanol com alto potencial de ser negativo em carbono", diz.

Um avanço recente nesse sentido é a captura e a armazenagem de carbono, um processo chamado de CCS, sigla em inglês de Carbon Capture and Storage. "Estamos pegando o carbono que é resultado da fermentação do etanol e fazendo o armazenamento geológico dele em profundidade", explica o presidente da Unica.

"Temos muita segurança sobre o etanol desenvolvido no Brasil. Ele não compete com a pro-

dução de alimentos e não produz desmatamento, ele precisa ter o reconhecimento objetivo e científico no âmbito internacional", afirma.

Ele diz ver possibilidades de o País atrair mais investimentos externos em descarbonização e, em outra frente, ampliar mercados internacionais. No etanol, comenta Gussi, as negociações têm avançado com países como Japão, Índia, Indonésia, Filipinas, Malásia e Colômbia.

MICRO E PEQUENAS. Entre as micro e pequenas empresas, há uma série de interessadas em marcar presença, caso da paranaense Haka, que produz combustíveis sintéticos (mais informações nesta página). O Sebrae está organizando a participação delas.

"A expectativa é que empreendedores dos setores da bioeconomia, alimentos e bebidas regionais, turismo sustentável e tecnologias verdes estejam presentes em painéis e rodadas de negócios. Essas empresas trarão histórias reais de transformação, de soluções criadas a partir da floresta, do território, da sabedoria local", afirma Décio Lima, diretor-presidente do Sebrae. ●

"A COP é feita para todo tipo de empresa, para todo tipo de setor que esteja trabalhando na busca de uma economia mais verde"

Rubens Filho

Gerente executivo de Meio Ambiente do Pacto Global da ONU

Combustível tirado de resíduos sólidos é aposta de startup do Paraná

A produção de combustíveis sustentáveis é um dos pontos fortes do Brasil na busca pela redução das emissões de gás carbônico. No etanol, comenta Gussi, as negociações têm avançado com países como Japão, Índia, Indonésia, Filipinas, Malásia e Colômbia.

leira com potencial global para a descarbonização da economia", diz Calixto.

"Participar é fundamental para mostrar que o Brasil possui tecnologia de ponta capaz de transformar um dos maiores passivos ambientais do planeta - o lixo - em energia limpa e valor econômico real."

Inovação

Planta-piloto da empresa tem 15 funcionários e opera em parceria com a Bosch Metal Liga

A Haka é seu primeiro empreendimento. "Trabalhei durante uma década na BRF reduzindo os efeitos de impactos ambientais da produção, principalmente na reutilização de resíduos animais", relembra.

A startup possui 15 funcionários e opera sua planta-piloto no município paranaense da Lapa, em parceria com a metálica Bosch Metal Liga. ● W.R.

**ESTADÃO
BLUE STUDIO**

Este material é produzido pelo Estadão Blue Studio e apresentado por PepsiCo.

 **PEPSICO**

PepsiCo investe no futuro do planeta

Uma das mais importantes companhias globais de alimentos e bebidas desenvolve uma série de ações de impacto positivo para as pessoas e o meio ambiente

Impulsionar sistemas alimentares mais sustentáveis é um compromisso da PepsiCo, gigante global que tem seus produtos apreciados pelos consumidores mais de um bilhão de vezes por dia. Esse compromisso se materializa pela estratégia PepsiCo Positive (pep+), jornada transformadora que envolve as operações da companhia de ponta a ponta, desde a produção no campo até o pós-consumo.

"Com ações efetivas e pioneiras, o Brasil é protagonista nesta agenda global", diz Alex Carretero, CEO da PepsiCo Brasil e da Cone Sul Alimentos. Um exemplo é a substituição de combustíveis fósseis pelo biometano na fábrica de Itu (SP). A unidade conta com uma estação inovadora que contempla 100% da demanda de gás na produção de snacks como Lay's, Ruffles, Cheetos e Doritos. Futuramente, abastecerá também a frota de caminhões movidos a gás.

Nos últimos cinco anos, o consumo de água na cadeia produtiva da PepsiCo no Brasil foi reduzido em



Divulgação/PepsiCo

de 1,8 milhão de pessoas nos últimos quatro anos. Parte desse esforço é o programa global Food for Good, focado na segurança alimentar. No Brasil, só nos últimos dois anos, foram doadas 400 toneladas de alimentos e fornecidas 204 mil refeições e 10 mil cestas básicas, por meio de parcerias com organizações sociais.

O primeiro produto social da PepsiCo é brasileiro: trata-se do "arroz" de aveia Quaker, que tem 100% do lucro destinado à instituição Amigos do Bem. Só no primeiro ano, foram beneficiadas 25 mil pessoas em situação de vulnerabilidade no sertão nordestino.

Em outra linha de ação para ajudar a minimizar o desperdício e garantir um fornecimento de alimentos mais resiliente, a PepsiCo Global participa do Zero Hunger Private Sector Pledge, compromisso independente do setor privado que tem o objetivo de investir US\$ 100 milhões em iniciativas positivas de agricultura e segurança alimentar até 2030.

57% por quilo de alimento fabricado. A unidade de Itu já adotou uma tecnologia que torna os efluentes potáveis, baseada em biorreatores com membranas e osmose reversa. Sete Lagoas (MG) e Curitiba (PR) serão as próximas.

A ambição global é diminuir em 40% as emissões absolutas em toda a cadeia de valor (escopos 1, 2 e 3) até 2030, tomando como referência o

ano de 2015. Para alcançar esse objetivo, a empresa vai implementar diversas ações, como práticas sustentáveis no cultivo de batata e coco verde, além da instalação de painéis solares na frota e usinas termossolares.

Pioneirismo brasileiro

No campo social, mais de R\$ 20 milhões foram investidos em projetos que beneficiaram cerca

Erick Bretas,
CEO da S/A
O Estado de
S.Paulo, fala
em premiação
do Empresas
Mais, na sede
do 'Estadão',
em São Paulo



Premiação

Empresas que mais se destacaram no País são premiadas em evento

Erick Bretas, CEO da 'S/A O Estado de S.Paulo', exalta 'mérito' de vencedores em 'momento de tantas incertezas'

LÍLIAN CUNHA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Representantes de empresas estiveram na sede do jornal **O Estado de S.Paulo** para a entrega da nova edição do prêmio Empresas Mais, uma iniciativa do **Estadão** em parceria com a Austin Rating e a Fundação Instituto de Administração (FIA), da Universidade de São Paulo.

Foram reconhecidas as melhores empresas por critérios como receita, lucratividade, patrimônio líquido, lucro líquido, resultado financeiro, resultado bruto, depreciação/amortização (fluxo de caixa), além de porte e consistência histórica, em 24 setores da economia, como educação, máquinas e equipamentos, química e petroquímica, serviços financeiros, papel e celulose, dentre outros.

O principal indicador que define as posições das 1,5 mil empresas participantes é o Coeficiente de Impacto Estadão (CIE) – uma metodologia desenvolvida exclusivamente para o **Estadão** Empresas Mais. Além dos destaques por setor,

o Empresas Mais reconhece as cinco melhores empresas em práticas de ESG (governança ambiental, social e corporativa, na sigla em inglês) divididas em quatro categorias: sustentabilidade e mudanças climáticas; governança corporativa; ética, cidadania e sociedade; e inovação e tecnologia (mais informações nas pág. D12 e D13).

“Reconhecimento pelo mérito, num momento de tantas incertezas é muito importante”, disse Erick Bretas, presidente da S/A **O Estado de S. Paulo**. “Os líderes empresariais, na hora de planejar os seus investimentos, estão vivendo essa falta de clareza. Então, em momentos como esse, é importante o trabalho que o jornalismo faz. E quando o jornalismo tem dados, tem metodologia, tem ciência, como nesse trabalho, o Empresas Mais, aí então que a gente se sente muito mais recompensado”, disse no evento, que ocorreu no dia 10 deste mês.

“É muito bom ser reconhecido por boas práticas, principalmente nesse mundo conturbado em que estamos vivendo e ainda mais por práticas de sustentabilidade”, disse Barbara Sapunar, diretora executiva de Negócios da Nestlé.

A companhia de alimentos foi uma das reconhecidas na categoria de Sustentabilidade. Dos cerca de 30 mil agricultores fornecedores da empresa

A ESCOLHA

Como funciona e quais são as categorias que concorrem

Indicadores da apuração

Empresas Mais 2024



Avaliação de 24 grandes setores da economia

- | | |
|--|-------------------------------------|
| • AÇÚCAR E ÁLCOOL | • MINERAÇÃO, CIMENTO E PETRÓLEO |
| • AGRICULTURA E PECUÁRIA | • PAPEL E CELULOSE |
| • ALIMENTOS E BEBIDAS | • QUÍMICA E PETROQUÍMICA |
| • ATACADO E DISTRIBUIÇÃO | • SAÚDE |
| • BENS DE CONSUMO | • SERVIÇOS |
| • COMUNICAÇÃO E MÍDIA | • SERVIÇOS FINANCEIROS (AUXILIARES) |
| • CONSTRUÇÃO E SERVIÇOS | • TELECOMUNICAÇÕES |
| • EDUCAÇÃO (ESPECIALIZADOS) | • TÉXIL E VESTUÁRIO |
| • ELETRODOMÉSTICOS (ELETRÔNICOS E INFORMÁTICA) | • TRANSPORTE E LOGÍSTICA |
| • FARMACÊUTICA | • UTILIDADES E SERVIÇOS PÚBLICOS |
| • MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS | • VAREJO |
| • METALURGIA E SIDERURGIA | • VEÍCULOS E AUTOPEÇAS |

EMPRESAS MAIS E AUSTIN RATING/INFÓGRAFICO: ESTADÃO

no Brasil, 10 mil já atuam, com ajuda da multinacional suíça, com o método de agricultura regenerativa. “Essa é uma modalidade que dá mais em troca ao meio ambiente do que retira. Já

passamos da fase de ser sustentável, não adianta mais ter sustentabilidade. Precisamos regenerar para conseguir devolver ao planeta o que já tiramos.”

Premiado na categoria Cida-

dania e Sociedade, Édison Carlos, presidente do Instituto Aegea, da Aegea Saneamento – segunda maior empresa privada do setor no Brasil –, destacou que o reconhecimento espelha a meta da companhia na sociedade. “Nosso DNA é o de levar dignidade para as pessoas. No Norte do País, por exemplo, levamos água e esgoto para as áreas de palafitas de Manaus onde havia moradores com mais de 70 anos que nunca tinham tido isso na vida”, disse.

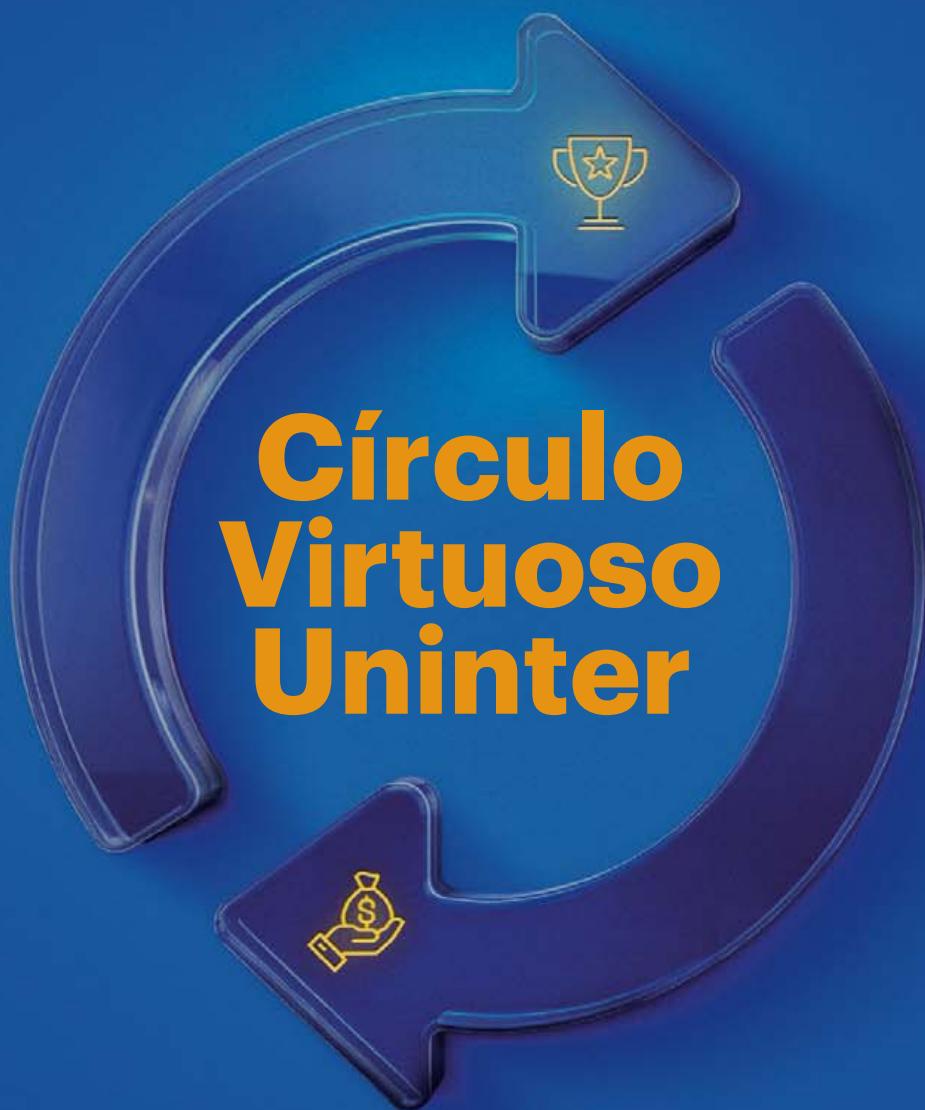
Parâmetro

Coeficiente de Impacto Estadão é indicador que define posições das 1,5 mil empresas participantes

SIMBOLISMO. As empresas premiadas receberam no evento um troféu com o cavaleiro que é símbolo do **Estadão**. “Esse cavaleiro é o Bernard Gregoire, um cidadão francês que em 1876, bateu na porta do **Estadão** e falou o seguinte: ‘Olha, eu posso sair distribuindo o jornal para vocês’”, disse Bretas.

Naquela época, explicou o executivo, quando as pessoas queriam comprar o jornal, elas tinham que ir à sede do periódico, não havia distribuição. Então, a partir da ideia de Gregoire, o jornal começou a circular por toda cidade de São Paulo, que então era apenas uma vila com 30 mil habitantes. “Foi uma grande inovação. Esse cavaleiro, então, esse troféu, representa o esforço das empresas de levarem a sua mensagem mais adiante”, concluiu Bretas. ●

CONHEÇA OS GANHADORES
NAS PÁGS. D12, D13 E D14



Círculo Virtuoso Uninter

Mais investimento em excelência acadêmica gera melhor resultado financeiro.

A melhor EAD do Brasil¹

Plataforma digital intuitiva

Atividades práticas presenciais em laboratórios de última geração²

Professores comprometidos com o sucesso do aluno

5x consecutivas eleita a instituição de ensino com o melhor atendimento pelo Prêmio Reclame AQUI³

Melhor resultado financeiro gera mais investimento em excelência acadêmica.

Captação de novos alunos **+19,3%**

Receita bruta **+25,9%**

Receita líquida **+11,3%**

Ebtida **+21,4%**

Lucro líquido **+25,4%**



A Uninter atingiu o melhor resultado financeiro da sua história em 2024, com um lucro líquido recorde. Esse excelente desempenho é fruto da aposta que fizemos em excelência acadêmica desde que a instituição foi fundada. A Uninter, muito mais do que uma instituição de educação a distância, é uma instituição de APRENDIZAGEM a distância. Isso quer dizer que nosso foco é garantir que o aluno aprenda de verdade, de onde ele estiver, a qualquer momento. Em vez de o aluno ter que ir até o centro do saber, nós levamos o centro do saber até o aluno. Para isso, seguimos investindo pesado em contratação e treinamento dos melhores professores; numa plataforma digital inovadora e intuitiva; em materiais didáticos próprios de alta qualidade; e em laboratórios reais de última geração para a realização de aulas práticas presenciais. Nossa objetivo é oferecer ao aluno uma experiência tão rica quanto a do ensino presencial. Para 2025, vamos continuar investindo em excelência acadêmica e no aprimoramento da nossa governança corporativa, reforçando a robustez do nosso Programa de Integridade, em especial as áreas de Compliance e Segurança da Informação.

Wilson Picler

Presidente do Grupo Uninter e Chanceler do Centro Universitário Internacional Uninter.



UNINTER.com

Premiação

Modelo de avaliação dá maior precisão para aferir desempenho das empresas

Com metodologia que envolve algoritmos e análise econométrica, Empresas Mais tem práticas ESG como umas das referências

Os destaques do prêmio Estadão Empresas Mais foram selecionados a partir da análise de seus balanços feitos pela Austin Rating. "A gente sabe que cada empresa tem uma linguagem própria na hora de divulgar seus números. Com um algoritmo desenhado pela Austin, o conteúdo desses relatórios de resultados das empresas é traduzido, digamos assim, e comparado entre si", explicou Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating.

Em seguida, os dados são

analisados pela Fundação Instituto de Administração (FIA). "Principalmente na parte de ESG, compararamos as práticas das empresas com o que há de mais novo e recente na literatura sobre esse tema", diz Luís Guedes, professor da FIA e um dos responsáveis pela classificação do Empresas Mais.

MODELO. Segundo a organização do Empresas Mais, a FIA desenvolveu um modelo econômétrico que é aplicado sobre a base de dados da Austin Rating – que agrupa mais de 3 mil empresas de capital aberto e fechado –, uma metodologia que analisa dimensões como receita, lucratividade, patrimônio líquido, lucro líquido, resultado financeiro, re-

sultado bruto, depreciação/amortização (fluxo de caixa), além de porte e consistência histórica.

O principal indicador resultante de todo o processo, que define as posições das 1,5 mil empresas incluídas na lista, é o Coeficiente de Impacto Estadão (CIE). Esse indicador é calculado a partir de uma ponderação entre as métricas de porte e desempenho das empresas de cada setor, com escala de 0 a 100 pontos.

Para as empresas financeiras, conforme os representantes do Empresas Mais, também são adotados parâmetros de análise com indicadores como patrimônio líquido, lucro líquido, resultado bruto da intermediação financeira, depreciação/amortização.

ALTO DESEMPENHOS. A classificação por porte leva em consideração a receita líquida obtida no exercício anterior e o critério de desempenho avalia ainda dados como ativos totais, lucro ou prejuízo opera-

Metodologia

Na análise, também há a diferenciação entre as empresas individuais e os grupos empresariais

IBGE. Assim, é possível comparar grupos que têm perfis de tributação semelhantes.

Também há a preocupação de separar na análise as empresas individuais e os grupos empresariais, que reúnem duas ou mais empresas. Muitas vezes, essas subsidiárias atuam em diferentes segmentos da economia, o que poderia distorcer a análise.

Com isso, o estudo fica mais próximo da realidade de cada setor, algo importante em momentos de volatilidade.

PARÂMETROS. Os procedimentos e critérios para a avaliação do desempenho das empresas que participam da pesquisa Empresas Mais – melhores práticas em ESG – edição 2024, levaram em conta os



Lara Nascimento Bacellar, diretora da Copersucar



Paulo Dallari, diretor de Reputação e Governo da Natura



Priscila Lorenzini Palma Reis, da BB Seguros

OS GRANDES VENCEDORES

■ POR SETOR ■ POR REGIÃO ■ SERVIÇOS FINANCEIROS

AÇÚCAR E ÁLCOOL	
1º	INPASA AGROINDUSTRIAL
2º	RAÍZEN CENTRO-SUL
3º	SAO MARTINHO

CONSTRUÇÃO E SERVIÇOS ESPECIALIZADOS	
1º	LCM CONSTRUCAO
2º	ACCIONA CONSTRUCCION
3º	BERNECK

METALURGIA E SIDERURGIA	
1º	GERDAU S/A
2º	CBMM
3º	BELGO BEKAERT

SERVIÇOS	
1º	BB CORRETORA DE SEGUROS
2º	BNDES/SPAR
3º	GDM

AGRICULTURA E PECUÁRIA	
1º	BOA SAFRA SEMENTES
2º	C.VALE - COOP AGROINDUSTRIAL
3º	3 TENTOS

EDUCAÇÃO	
1º	UNINTER
2º	UBEC
3º	INTERNATIONAL SCHOOL

MINERAÇÃO, CIMENTO E PETRÓLEO	
1º	ANGLO FERROUS MINAS-RIO
2º	VALE
3º	CSN MINERACAO

TELECOMUNICAÇÕES	
1º	CLARO
2º	TELEFÔNICA BRASIL (VIVO)
3º	TIM S/A

ALIMENTOS E BEBIDAS	
1º	AROSUCO (AMBEV)
2º	CARGILL ALIMENTOS (NUTRON)
3º	BUNGE ALIMENTOS

ELETRODOMÉSTICO, ELETRÔNICO E INFORMÁTICA	
1º	INTELBRAS
2º	POSITIVO
3º	ELECTROLUX

PAPEL E CELULOSE	
1º	SUZANO PAPEL E CELULOSE
2º	ELDORADO BRASIL
3º	CENIBRA

TÊXTIL E VESTUÁRIO	
1º	GRENDENE
2º	BEIRA RIO
3º	AREZZO

ATACADO E DISTRIBUIÇÃO	
1º	COPERSUCAR COOP
2º	VIBRA ENERGIA
3º	PETROVIA

FARMACÊUTICA	
1º	ROCHE
2º	MERCK
3º	SANOFI MEDLEY

QUÍMICA E PETROQUÍMICA	
1º	INNOVA
2º	PETROBRAS
3º	RHODIA (SOLVAY)

TRANSPORTE E LOGÍSTICA	
1º	PB-LOG
2º	CCR AUTOBAN
3º	NTS BRASIL

BENS DE CONSUMO	
1º	NATURA
2º	MILI
3º	VERALLIA

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	
1º	SOTREQ
2º	JACTO
3º	WEG LINHARES

<table



Ana Carolina Meirelles, da operadora de telefonia TIM



Executiva Carla Crippa, vice-presidente da Ambev



Cesar Bonine, gerente da Suzano Papel e Celulose

⊗ seguintes parâmetros: inovação e tecnologia; ética, cidadania e sociedade; governança corporativa; e sustentabilidade e mudanças climáticas.

De acordo com a organização do ranking, com o objetivo de aprimorar o modelo de apreciação da performance das empresas em cada uma dessas referências, foi elaborada uma análise de conjunto, por meio da qual as cinco melhores de cada uma delas foram destacadas, sem distinção acerca da or-

dem – primeiro lugar, segundo, e assim por diante (*mais informações no quadro abaixo*).

Conforme os responsáveis pelo Empresas Mais, esse modelo adotado equaciona um aspecto crítico da metodologia anteriormente aplicada, sem prejuízo dos resultados apurados nos anos anteriores. ●

CONTINUA NA PAG. D14



NA WEB
Assista a entrevistas dos ganhadores na página do Empresas Mais publicacoes.estadao.com.br/empresasmais/



Camilo Buzzi, diretor da Brasilprev



Marcelo Riedi, da C.Vale - Cooperativa Agroindustrial



Ana Paula Camargo, da Gerdau



Barbara Sapunar, da Nestlé



Debora Rodrigues, da John Deere



Rafaela Nascimento, diretora da Localiza&Co

VAREJO		
1º	RAIA DROGASIL	
2º	WLM PART. E COM. DE MAQ. E VEIC.	
3º	LOJAS RENNER	

CENTRO-OESTE		
1º	BB CORRETORA DE SEGUROS	
2º	COMIGO	
3º	INPASA AGROINDUSTRIAL	

NORTE		
1º	AROSUCO (AMBEV)	
2º	INNOVA	
3º	EQUATORIAL PARÁ	

CORRETORA DE SEGUROS EMPRESA		
1º	BB CORRETORA DE SEGUROS	
2º	CAIXA SEGURIDADE	
3º	ITAU CORR. DE SEGUROS	

VEÍCULOS E AUTOPEÇAS		
1º	BATERIAS MOURA	
2º	MAHLE METAL LEVE	
3º	RENAULT	

SUDESTE		
1º	COPERSUCAR COOP	
2º	GDM	
3º	RAIZEN MIMÉ	

SUL		
1º	GDM	
2º	RAIZEN MIMÉ	
3º	BUNGE ALIMENTOS	

COMUNICAÇÃO E MÍDIA		
1º	REDE GLOBO	
2º	TV PARANAENSE	
3º	EPTV CAMPINAS	

NORDESTE		
1º	PETROVIA	
2º	PETROVIA	
3º	FERBASA	

CAPITALIZAÇÃO		
1º	BRADESCO CAPITALIZAÇÃO	
2º	SANTANDER CAPITALIZAÇÃO	
3º	KOVR CAPITALIZAÇÃO	

SEGURADORAS		
1º	BRASILPREV	
2º	BRADESCO VIDA E PREV	
3º	BRADESCO SAÚDE	

OUTRAS CATEGORIAS

1º lugar do ranking de Coeficiente de Impacto Estadão - Empresas de Altíssimo Desempenho

COPERSUCAR COOP

A grande vencedora por grupo (ranking do Coeficiente de Impacto)

PCH PARTICIPAÇOES S/A

Destaque Serviços Financeiros - Maiores bancos comerciais

ITAU UNIBANCO*

BANCO DO BRASIL*

BRADESCO*

A grande vencedora do ano (ranking do Coeficiente de Impacto)

ENEVA S/A (DESIGNAÇÃO COMERCIAL)

TOPS POR CATEGORIA

TOP 5

INovação

• CVALE - COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL

• JOHN DEERE BRASIL

• Natura Cosméticos

• SUZANO

• TIM

TOP 5

Sustentabilidade

• CVALE - COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL

• MRV ENGENHARIA E PARTICIPAÇÕES

• Natura Cosméticos

• NESTLÉ BRASIL

• TIM

TOP 5

Governança

• BANCO VOTORANTIM

• CIELO

• LOCALIZA RENT A CAR

• LOJAS RENNER

• TIM

TOP 6

Ética e Cidadania

• AEC CENTRO DE CONTATOS

• AESEA SANEAMENTO E PARTICIPAÇÕES

• TELEFÔNICA

• LOCALIZA RENT A CAR

• PEPSICO

• TIM

Premiação

Mais ganhadores do ranking Estadão Empresas Mais de 2024 recebem troféus



Edna Tanaka, do Cejam



Flávia Neves Tomagnini, da AeC



Lívia Salvoni, do Itaú Unibanco



Marsuri Romero, da Vivo



Raphael Lafetá, da MRV



Édison Carlos, da Aegea



Flávio Correia, da RD Saúde



Luana Raggio, da Grendene



Mauricio Garcia, da Sotreq



Renato Santos, da Inpasa Brasil



Eliane Batista Mady, do Uninter



Ivan Simões, da Anglo American



Luiz Fernando Junqueira, da LCM



Patrícia Strack, da Lojas Renner



Rodrigo Viana, da Boa Safra



Fabio Nahoum, da Claro Brasil



Juliana Depin Moser, da Intelbras



Marcos Paulo, da Eneva



Pedro Lückmann, da Roche



Tatiane Zornoff, da Cielo



Felipe Alves, da CPFL



Karina Melo, Bradesco Capitalização



Maria Teresa Orlandi, da PepsiCo



Rafael Norberto Fernandes, do BV



Valter Emidio Xavier, do GBOEX

FOTOS WERTHER SANTANA E NUNO FONSECA/ESTADÃO



A Claro é mais por você, sua casa e sua empresa.

Claro, vencedora do Prêmio Estadão Empresas Mais 2024 na categoria Telecom.

Esse prêmio é o maior e mais completo ranking empresarial do país na categoria Telecom. E fazer parte dele é resultado da nossa busca para estar sempre conectado com você. A Claro tá na sua vida, tá na sua família, tá na sua diversão, tá na sua empresa, tá na sua casa. E o resultado disso tá na satisfação dos clientes Claro e Claro empresas.

Eu  ser mais

BUSQUE: CLARO.COM.BR/PORQUECLARO

Prêmio Estadão Empresas Mais 2024, categoria Telecom: saiba mais em www.publicacoes.estadao.com.br/empresasmais

Claró



Liberdade de Expressão



PALESTRA MAGNA

Ministro Edson Fachin
Vice-presidente do Supremo
Tribunal Federal (STF)

29/ABR

Das 14h30 às 19h
B Hotel – Brasília, DF

DEBATES

PAINEL 1

Liberdade de Expressão
em Essência

PAINEL 2

Imprensa Livre

PAINEL 3

Redes Sociais e o Direito
à Livre Manifestação

PRESENÇAS CONFIRMADAS



AFRANIO NETO
Especialista em
Direito de Informação



BIA BARBOSA
Coordenadora de
Incidência do escritório
da Repórteres
Sem Fronteiras para
a América Latina



EUGÊNIO BUCCI
Professor da ECA-USP,
articulista do Estadão
e membro da Academia
Paulista de Letras



MARCELO GODOY
Repórter especial
do Estadão, jornalista e
escritor



ORLANDO SILVA
Deputado federal
(PCdoB-SP)



PIERPAOLO BOTTINI
Advogado criminalista
e professor de Direito
Penal da USP

TRANSMISSÃO AO VIVO NO PORTAL ESTADÃO
E NAS MÍDIAS SOCIAIS



EVENTO
PRESENCIAL
INFORMAÇÕES
E INSCRIÇÕES

